

MUSEU CIÊNCIA E VIDA: CONTRIBUIÇÕES EDUCATIVAS EM DUQUE DE CAXIAS

Ana Paula Cavalcante Lira do NASCIMENTO¹
Renato da SILVA²
Jacqueline de Cassia Pinheiro LIMA³

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar uma reflexão sobre ações educativas desenvolvidas através do Museu Ciência e Vida na cidade de Duque de Caxias. Nossa questão é pensar de que maneira um museu pode contribuir no processo educativo de uma cidade. Nosso foco estava centrado na questão do público espontâneo que surgiu como um dado importante durante realização de uma entrevista com a diretora do Museu Ciência e Vida, escolhido aqui como o objeto de nossa pesquisa. Essa pesquisa se caracteriza como básica e qualitativa, de cunho descritivo e exploratório. Utilizamos enquanto metodologia as pesquisas bibliográfica e documental. Como referencial teórico trazemos a contribuição de Pelegrini e Funari (2001, 2006), Freire (1993), Brandão (1989), entre outros.

Palavras-chave: Museu Ciência e Vida, Ações educativas, Duque de Caxias.

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Estudos Urbanos (NURBS) nasceu a partir do projeto de pesquisa de uma das autoras enquanto Jovem Cientista do Nosso Estado (JCE/FAPERJ⁴). O intuito principal do projeto era pensar a cidade como espaço de sociabilidade e a relação entre o patrimônio e os transeuntes na cidade de Duque de Caxias. Duque de Caxias, situada na região da Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, é uma cidade que possui um vasto e, muitas vezes desconhecido, patrimônio.

Três patrimônios foram eleitos como recorte para a pesquisa: o Instituto Histórico de Duque de Caxias, a Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola e o Museu Ciência e Vida. Durante o período de 2015-2018 tentamos estar presentes nesses espaços e, através de técnicas de pesquisa diversificadas, procuramos compreender a relação entre os sujeitos e esses locais de patrimônio. O projeto de pesquisa foi encerrado em janeiro do presente ano mas não esgotou

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, apcln@hotmail.com

² Professor orientador: Pós doutor em História/UERJ, Doutor em Ciências/FIOCRUZ, Professor Adjunto Doutor I/UNIGRANRIO, Coordenador do Curso de História e Professor do PPGHCA na UNIGRANRIO, redslv333@hotmail.com.

³ UENF.

⁴ Órgão de fomento a pesquisa.

a produção de material de divulgação dos resultados encontrados nessa investigação. Podemos pontuar aqui, a título de exemplo, a organização de colóquios, realização de oficinas, produção de e-books e artigos.

No presente trabalho, especificamente, trazemos o caso do Museu Ciência e Vida. A questão que norteou essa investigação é pensar de que maneira um museu pode contribuir no processo educativo da cidade de Duque de Caxias. Nas investigações do grupo de pesquisa buscamos esquadrihar o museu a partir de atividades de observação (oficinas voltadas para professores e alunos), pesquisa de opinião com pessoas do entorno, visitas às exposições, levantamentos dos registros deixados pelo público e entrevista com a diretora do museu. O ambiente virtual foi analisado a partir das páginas oficiais do MCV tanto no site quando na página do Facebook.

Mas, em meio aos diversos dados e resultados encontrados na pesquisa desse espaço, o que chamou a atenção na entrevista concedida pela diretora do Museu Ciência e Vida foi a informação da participação de um público espontâneo como majoritário no museu. Isso nos levou a pensar que o Museu Ciência e Vida apresentava um dado empírico diferenciado de outros museus. A maioria deles, geralmente, apresenta maior quantidade de público escolar nas visitas. No caso do museu situado em Duque de Caxias é o oposto. Então, se o público espontâneo é maioria no MCV, que percepções esse público constrói desse espaço educativo na cidade?

Dessa forma, utilizamos os levantamentos realizados através dos livros de registro do Museu Ciência e Vida considerando-os como instrumento de comunicação entre o público e essa instituição museal. No período de 2013 a 2016 encontramos 206 registros. Agrupamos esses comentários em 3 blocos: sugestões, reclamações e parabenizações. Outros registros foram encontrados numa dissertação de mestrado cujo foco estava voltado especificamente na relação entre professores e o Museu Ciência e Vida.

Ficou perceptível ao final de nossa pesquisa que a maioria do público visitante do Museu Ciência e Vida considera esse patrimônio como um local educativo de relevância. O museu causa boas impressões nos visitantes e contribui, além disso, com a construção de um sentimento de pertencimento mais afirmativo.

METODOLOGIA

Para alcançar nosso objetivo principal de compreender de que forma o Museu Ciência e Vida contribui – ou não – no processo educativo da cidade de Duque de Caxias nós optamos por uma pesquisa básica e descritiva. Lakatos e Marconi (2010) compreendem a escolha das

técnicas como um dos elementos do método científico e propõem uma separação das técnicas de pesquisa em quatro grupos e/ou abordagens: documentação indireta, documentação direta, observação direta intensiva e observação direta extensiva. Optamos por utilizar as documentação indireta utilizando as fontes produzidas a partir da pesquisa bibliográfica e documental já existente. Os dados utilizados nessa pesquisa estavam disponíveis no acervo do Nurbs e no banco de dissertações e teses da Unirio.

Do acervo do NURBS utilizamos uma entrevista semi-estruturada realizada com a diretora do Museu Ciência e Vida no dia 16 de outubro de 2016, nas dependências do museu e autorizada pela entrevistada através de assinatura do termo de autorização de uso de imagens e depoimentos. Também utilizamos um levantamento realizado nos livros de sugestões do próprio museu.

Do banco de teses e dissertações da Unirio utilizamos a dissertação de mestrado de Andreia Maia Gonçalves Pires que analisou as expectativas de alguns professores que visitaram o Museu Ciência e Vida nos dois primeiros anos de funcionamento (2010-2012). Podemos considerar que Andreia Pires realizou uma pesquisa-ação nesse projeto dissertativo visto que a mesma trabalhou no museu no período de 2010 a 2013 e, de acordo as palavras da pesquisadora, teve “a oportunidade de conversar com o público, como também de ouvir elogios, críticas e sugestões para o novo museu que estava sendo construído”. Buscamos na dissertação a base historiográfica do museu e a análise da entrevista do, então, prefeito de Duque de Caxias, o Sr. Alexandre de Cardoso, e também idealizador do projeto de construção de um museu de ciência nessa cidade.

DESENVOLVIMENTO

O que podemos considerar como patrimônio? Que relevância o patrimônio tem no campo da educação e em nosso cotidiano? De que maneira o patrimônio contribui na formação humana? Esses questionamento são a base das nossas investigações no campo do espaço urbano, especificamente na relação com a região da Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro.

Por patrimônio podemos considerar um conceito que vem sendo historicamente (re)transformado. Como referência teórica sobre a construção histórica do termo patrimônio cultural temos o trabalho basilar de Funari e Pelegrini (2006). De acordo com os autores, esse conceito surge historicamente atrelado a uma cultura ocidental romana, patriarcal, elitista e individual. Na etimologia da palavra patrimônio (patrimoniu), temos a junção dos termos patri-

(pai) + moniu (herança). Inicialmente referia-se a idéia de herança, de valor monetário e de bens pessoais que possivelmente seriam deixados a uma geração futura.

No entanto o termo *patrimonium*, em suas derivações nas línguas românicas, começa a sofrer um significativo processo de modificação no qual vai transcendendo a unicamente a idéia de herança e se aproximando/agregando como referência a “lembrança” e o “fazer pensar”.

Os alemães usam *Denkmalpflege*, “o cuidado dos monumentos, daquilo que nos faz pensar”, enquanto o inglês adotou *heritage*, na origem restrito “àquilo que foi ou pode ser herdado” mas que, pelo mesmo processo de generalização que afetou as línguas românicas e seu uso dos derivados de *patrimonium*, também passou a ser usado como uma referência aos monumentos herdados das gerações anteriores. Em todas estas expressões, há sempre uma referência à lembrança, *moneo* (em latim, “levar a pensar”, presente tanto em *patrimonium* como em *monumentum*), *Denkmal* (em alemão, *denken* significa “pensar”) e aos antepassados, implícitos na “herança”. (FUNARI, 2001, p. 23)

Percebemos que a ampliação do termo não o afastou do seu significado de origem, mas permitiu uma coexistência de dois valores que podem ser aplicados ao patrimônio. O primeiro é o valor monetário, de pertença dos bens, de herança. O segundo é o valor simbólico, de lembrança, de fazer lembrar. A junção desses valores não se deu de forma espontânea, visto ser um produto social.

Mas, com base em estudiosos da área, Pelegrini e Funari (2006) afirmam somente a partir da revolução francesa que se desenvolve o conceito de patrimônio que utilizamos atualmente. O início da criação dos Estados nacionais realiza uma ruptura da noção de patrimônio com as “bases aristocráticas e privadas do colecionismo”. Da mudança de um regime monárquico para um regime republicano, surge a necessidade de transformar aqueles que outrora foram súditos em cidadãos (homens adultos) de uma nação a partir de um solo comum, de uma língua/idioma que os aproximasse e através do qual pudessem partilhar costumes e valores comuns. O patrimônio passa, dessa maneira, a ser associado à ideia de pertencimento e de identidade e utilizado como meio de construção de uma base cultural nacional.

A partir do século XIX, com o desenvolvimento científico e industrial, surge um campo fértil para a supervalorização da memória e a consolidação do patrimônio com a criação de arquivos nacionais, museus públicos e nacionais que abrigam a memória coletiva popular e técnica, além da abertura das bibliotecas. Pelegrini e Furnari (2006) apontam o período de 1914 a 1975 como o ápice do nacionalismo e da construção de um patrimônio nacional.

Especificamente em relação aos espaços museais podemos dizer que por algum tempo museus e aparelhos culturais tinham como principal objetivo apenas a guarda e preservação de bens culturais materiais. Ao longo do tempo museus e espaços patrimoniais vem sofrendo

modificações significativas de sentidos. Inicialmente eram considerados como relicários do patrimônio cultural e histórico. Acompanhando as modificações sociais esses espaços realizaram lentamente uma metamorfose na qual modificaram o objeto fim de sua atuação social. Hoje, esses espaços entendem que possuem uma potencialidade educativa e formativa na sociedade. Dessa forma, através de políticas públicas podem auxiliar na educação dos indivíduos e fazer parte do cotidiano social.

Também o conceito de Educação tem uma estreita relação com as atividades desenvolvidas por museus e espaços patrimoniais. A Educação está na vida cotidiana, nas relações estabelecidas entre os sujeitos. Está nas diversas formas de convivência, de espaços, de culturas. A ninguém foi dada a opção de estar ou não inserido nos processos educativos. Independentemente dos grupos culturais aos quais pertencem, os seres humanos educam-se. Como afirma Carlos Rodrigues Brandão

... ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos outros, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1989, p. 7)

O processo educativo pressupõe um “outro”. Um dos objetivos da educação do ser humano é fazer com o mesmo torne-se um ser com autonomia. Mas, essa autonomia não pode ser compreendida como autosuficiência já que haverá sempre um “outro” nesse caminho. Concordamos, dessa forma, com Paulo Freire (2000) quando esse afirma que existe uma relação de simultaneidade e reciprocidade na educação, pois enquanto ensino também aprendo e quando aprendo também ensino algo a alguém numa relação sempre dialógica.

Pensar os processos educativos fora das escolas é transpor para o urbano as reflexões sobre ensino-aprendizagem. Paulo Freire (1993, p. 13) afirma que a cidade somos nós. Ao ensinar, a cidade educa e ao mesmo tempo é educada. Para o autor, a cidade educa de diversas maneiras, mas também através de seus aparelhos culturais nos quais ele inclui os museus e centros de cultura.

Público e espaços museais dialogam. Mas, quais são as vias comunicativas estabelecidas entre eles? Podemos afirmar que esse diálogo mais estreito é recente. Assim, como também é recente o movimento de interatividade entre esses “sujeitos”. Cronologicamente podemos estabelecer as décadas de 1980 e 1990 como o marco de surgimento dos primeiros centros interativos de ciência. Como exemplo podemos citar um dos museus de ciência mais conhecido do Rio de Janeiro: o MAST. Apesar de ocupar atualmente um espaço criado em 1827 - tombado

tanto pelo IPHAN quanto pelo INEPAC – o Museu de Astronomia e Ciências Afins do RJ completou 34 anos de trabalho na área de produção, divulgação e educação científica.

Mas, se por um lado a criação dos centros de ciência é recente, o interesse em realizar pesquisas de público é um pouco anterior. De acordo com Carvalho (2005), uma das primeiras experiências na pesquisa de público foi realizada em 1977 por Scheiner que buscava traçar um perfil de público da Floresta da Tijuca/RJ. A partir dos anos 2000 que o interesse em conhecer o público passa a ser maior e mais amplo com a criação dos observatórios de museus. O primeiro seria o OMCC criado pelo Ministério que desempenhou atividades nesse sentido de 2005 a 2011 (Observatório de Museus e Centros Culturais/2005) e o OMCC&T (Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia) que vem atuando desde 2013.

Além do trabalho do Observatório, o Instituto Brasileiro de Museus criou em 2013 um instrumento de coleta para coletar dados/informações relativas às visitas anuais dos museus: o formulário de visitação anual (FVA). É importante frisar que o público contabilizado é constituído apenas daqueles que estão presencialmente no museu. Essa informação é pertinente visto que temos acompanhado o processo de virtualização dos museus e centros culturais. Portanto, as visitas virtuais aos museus ainda não aparecem nos relatórios do FVA. Quanto às técnicas utilizadas estas se diferenciam dentro da realidade de cada museu. Dessa forma, temos museus que utilizam como forma de contagem técnicas que variam do ingresso impresso ao sensor eletrônico. No relatório Ibram/FVA 2017 a técnica mais utilizada pelos museus continua a ser o livro de assinatura, correspondendo a 76,6%.

O caderno da PNEM apresenta a palavra “público” como um dos conceitos-chave do campo da educação museal. De acordo com Almeida (2017, p. 99) vários termos que variam de instituição a instituição são utilizados para designar os públicos e museus, como: convidados, visitantes, usuários, clientes, expectadores, consumidores e comunidade. Mas, para a autora o que realmente determina o termo é a relação estreita que se estabelece entre a ideia do que é e/ou do que deve ser um museu que determina as “expectativas do que pode ser o seu público”. Dessa maneira coexistem várias tipologias de público como: potencial visitante, visitante efetivo, público não presencial, etc.

Aqui adotaremos o termo visitante efetivo visto que na pesquisa apenas os visitantes que registraram suas impressões no livro de registros do Museu Ciência e Vida foram considerados como sujeitos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inaugurado em 2010, o Museu Ciência e Vida é parte do projeto de divulgação científica da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cecierj) em parceria com a Secretaria de Ciência e Tecnologia do governo do Estado do Rio de Janeiro. De acordo com entrevista da Prof^ª. Monica Damouche

A iniciativa de criação do museu foi na época que o secretário de Ciência e Tecnologia era o Alexandre Cardoso. Ele era deputado e secretário de Ciência e Tecnologia do Estado na época do governo do Sérgio Cabral. Um dia, a gente conversando, ele falou do interesse de fazer um museu de ciências aqui. E, até que num belo dia ele me pede para vir aqui no prédio do antigo Fórum para ver aonde seria o futuro Museu de Ciências de Duque de Caxias. Confesso que levei um susto.

O choque descrito pela diretora do MCV faz referência ao prédio onde outrora funcionava o Fórum Municipal. Além da arquitetura pouco atrativa para um museu de ciência o antigo prédio do fórum faz parte da memória social da cidade. Esse prédio foi remodelado e, em seu lugar, surgiu uma construção moderna com aproximadamente 5000m². São quatro pavimentos que abrigam atividades diversificadas para o público do município e também de áreas adjacentes. Compõem as atividades educativas do museu: exposições temporárias, oficinas, cineclube, visitas educativas, atividades lúdicas educacionais e sessões no planetário.

De acordo com Pires (2012, p. 44), o Museu Ciência e Vida foi criado com duas intenções principais: minimizar a carência de museus compromissados com a popularização da ciência e da tecnologia na região e auxiliar a dirimir problemas educacionais e sociais. O museu foi inaugurado no dia 01 de julho de 2010 e

Em seus primeiros anos de funcionamento, de julho de 2010 até maio de 2012, o Museu Ciência e Vida recebeu mais de 59 mil visitantes. Desse total, 70% foi de público espontâneo e 30% foi de escolas, uma proporção que não é comum de acordo com a diretora do Museu, uma vez que essa proporção de visitação só ocorre no CosmoCaixa, museu de ciência de Barcelona. (PIRES, 2012, p. 54)

Na entrevista concedida ao Nurbs a Prof^ª. Monica chama nossa atenção para o acolhimento do museu pela população caxiense que ela classifica como surpreendente, conforme trecho abaixo:

E assim, uma coisa que me surpreendeu, me chamou atenção aqui é a forma como a população recebeu o museu. Eu achava que aqui ia ser como é na maioria dos museus. Quando eu falo na maioria dos museus eu falo dos museus já mais estabelecidos. Eu não estou comparando com o Museu do Amanhã ou o MAR que são esses museus novos, não. Com os outros museus que já estavam aqui na cidade, no Rio e no entorno. Que eles tem mais ou menos quase uns 60 % de público escolar e o público espontâneo um pouco mais baixo, uns 40 %. E aqui a gente tem o contrário. O nosso é o contrário. A gente tem mais público espontâneo do que público escolar. [...] No início, nosso primeiro mês aqui foi em julho. Foi 100% de visitação espontânea. Depois as escolas começaram a frequentar. Então, na média, a gente tem 65% de visitação espontânea contra 35% escolar. É um bom retorno. Um retorno interessante. E algo que a gente tem começado, tem investido em fazer, a gente

já fazia isso, mas tem fortalecido é procurar trazer a população para participar da elaboração das atividades.

É importante ressaltar que o museu foi sendo inaugurado aos poucos. Ele abre as portas ao público em 2010, mas só começa a funcionar plenamente a partir de 2012. Apesar da abertura em etapas, a diretora acredita que “[...] difícil não é implantar um equipamento cultural. É difícil implantar, mas mais difícil é manter”. De fato, o ano de 2016 foi desafiante no sentido de manter o museu em funcionamento pois o estado do Rio de Janeiro tem enfrentado uma crise financeira séria que afeta, dentre outros, vários serviços públicos oferecidos.

Para o idealizador do projeto de um museu em Duque de Caxias, o ex-prefeito Alexandre de Cardoso, a expectativa de criação de um museu seria baseada na perspectiva de um museu que “[...] é hoje um estímulo à pesquisa, um estímulo ao conhecimento. [...] o museu sendo instrumento da educação”. Há subjacente um projeto de “Baixada pensante” e o museu, além do estímulo à pesquisa, seria o “estímulo a uma vida diferente”.

Quando questionado se depois de quatro anos de inauguração acreditava que o museu tivesse alcançado suas expectativas, o Sr. Alexandre Cardoso afirma que não pois “desejava que o museu tivesse uma interatividade muito maior com a Baixada”. No entanto, associa essa dificuldade às questões de mobilidade urbana.

Quando questionado sobre quem seria o público alvo do Museu Ciência e vida, temos a seguinte resposta:

Todos aqueles que queiram sonhar com a ciência. [...] todos aqueles que queiram se estimular pela pesquisa, que queiram realizar sonhos, que queiram sonhar é o público-alvo, qualquer pessoa que estimule o sonho. O Museu Ciência e Vida é um estimulador de sonhos, é um estimulador para fazer uma cidade que foi conhecida pela violência, que foi conhecida pela falta do pensamento moderno, a ser uma cidade que tem que estimular a pesquisa, tem que estimular a ciência e tem que estimular a matemática. Então, o público-alvo é aquele que sonha, e o Museu Ciência e Vida também é uma casa que pode realizar sonhos.

Fica marcada na fala do ex-prefeito a abertura à todos, mas também há uma preocupação em, através das atividades do museu, modificar uma cultura local e uma representatividade negativa da cidade em relação a outros bairros/municípios do Rio de Janeiro. Podemos, inclusive, deduzir um projeto de criação de uma nova identidade local. Em relação direta com a área educacional o Sr. Alexandre Cardoso afirma que o museu “é um pouco da escola que eu sonho, da escola integrada, da escola que faça as mudanças na sociedade”.

Quando questionado se acredita que o museu correspondeu às expectativas da população de Duque de Caxias, a resposta foi “Sim e não. A todos que conheceram, atendeu. E aos que não conhecera, não atendeu”. Diante dessa avaliação procuramos trazer as respostas dos

visitantes que efetivamente deixaram algum tipo de avaliação da visita de forma espontânea nos registros do Museu Ciência e Vida. O levantamento foi realizado no dia 08 de setembro de 2016 a partir de dois livros que abrangiam um período de 2013-2016. Os registros foram divididos entre:

- Parabenizações – 96 registros
- Sugestões – 88 registros
- Reclamações – 22 registros

Percebemos que o quantitativo de reclamações é bem menor em proporção ao restante dos comentários demonstrando que os visitantes efetivos que tiveram contato com o museu tem uma percepção positiva desse espaço. A seguir, separamos alguns comentários pontuais para discussão visto que não há como trazer todas as informações contidas nos registros.

Só para cumprir a carga horária.

“Nunca imaginei ver coisas aqui em Duque de Caxias tão bonitos. Gostei de tudo que vi para nos instruir melhor”.

“As exposições são extremamente pobres em conteúdos, falta informação, capacidade reflexiva. É um enorme espaço comum, com exposições sem uma finalidade ou capacidade em gerar discussão. É improvável que possa existir cultura quando a população de uma cidade é avessa a tudo que possa representar a ilustração. A miséria intelectual de Duque de Caxias se reflete nesse espaço”.

“Muito obrigado por cuidarem do conhecimento, por difundirem a ciência, por atuarem com tecnologia... fiquei imensamente orgulhoso de conhecer o MCV, como baixadense (Nova Iguaçu), senti-me com vida plena. Todo sucesso em todas as atividades e ações produzidas.

Os quatro comentários selecionados nos ajudam a compreender que o Museu Ciência e Vida é um agente educador na cidade de Duque de Caxias. Como instituição que contribui na carga horária de atividades complementares, nos dá uma pista que é procurado como espaço aditivo no processo de ensino-aprendizagem formal. Ele também atinge moradores de áreas adjacentes como no caso do visitante do município de Nova Iguaçu. A crítica a pobreza cultural da população do município nos remete a fala do ex-prefeito e idealizador do projeto de criação do museu que considera ser necessário uma mudança de mentalidade da população que pode ser conduzido pelos aparelhos culturais da cidade. Por outro lado, o comentário positivo nos leva a considerar que o projeto de um museu “bonito” ajuda na desconstrução de uma identidade local marcada pela desvalorização territorial e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Discini (2013) podemos considerar que para Bakhtin somente através de uma realidade dialógica se constrói um senso de coletividade. Dessa forma, acreditamos que há um desejo de diálogo dos museus – no caso o Museu Ciência e Vida – com seus públicos. Na concepção bakhtiniana o diálogo é obrigatório e prima pela heterogeneidade, pela polifonia. Sendo assim, destacamos a importância das pesquisas de público em museus e, em nosso entendimento, de qualquer outro patrimônio/aparelho cultural.

Os públicos de museus não são apenas meros receptores de informações transmitidas. Se os museus e instituições patrimoniais desejam realmente construir uma práxis dialógica é preciso requisitar cada vez mais a voz de seus públicos e convidá-los ao diálogo. Foi a partir da pesquisa de público e do acesso do incentivo a expressão de opiniões, sugestões e críticas registradas pelos visitantes efetivos do Museu Ciência e Vida que temos acesso às percepções desse grupo quanto às atividades desse museu. Compreendemos que esses sujeitos percebem a importância da atividade do Museu Ciência e Vida na cidade de Duque de Caxias.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, R. M. R. de. **As Transformações da Relação Museu e Público: a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento do público virtual**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ-IBICT. Doutorado em Ciência da Informação. Orientador: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. Tese, mimeo, 2005. 215 p.

DISCINI, Norma. **Carnavalização**. IN: Bakhtin: outros conceitos-chave. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. pp. 53-93.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Educação e política**. São Paulo: Cortez, 1993.

FUNARI, P. P. A. **Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil**. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, 41, ½, 2001, 23-32.

_____, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **O patrimônio histórico e cultural**. Edição digital. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1ª ed. digital, 2006.

IBRAM. **Formulário de Visitação Anual 2017**. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/RESULTADOS-FVA-20171.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

_____. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: < <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MELGUIZO, J. **Educación para reinventar una ciudad**. Página12 Online. Argentina, 22 jan. 2012. Disponível em: < <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/espectaculos/17-24149-2012-01-22.html> > . Acesso em: 11 ago. 2019

PIRES, A. M. G. **Expectativas e vivências dos professores ao visitarem o Museu Ciência e Vida**. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, UFRJ - UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Rio de Janeiro. Mestrado em Museologia e Patrimônio. Orientador: Profª Drª Sibeles Cazelli. Dissertação, 2015. 132 p.

RIO DE JANEIRO (Estado). Lei Complementar Nº 103, de 18 de março de 2002. Transforma o Centro de Ciências do Estado do Rio de Janeiro na Fundação Centro de Ciência e Educação Superior à distância do Estado do Rio de Janeiro – Fundação CECIERJ. Alerj. Rio de Janeiro. Disponível em: . Acesso em: 10 maio 2014

RIO DE JANEIRO (Estado). Lei Nº 42.964, de 12 de maio de 2011. Dispõe sobre a criação do Museu Ciência e Vida, como unidade da Fundação Centro de Ciência e Educação Superior à distância – Fundação CECIERJ. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Nº 188, 13 mai. 2011, Parte I, p.2. Disponível em: . Acesso em: 10 maio 2014.

SCHEINER, T. **Análise do Público na Floresta da Tijuca**. Rio de Janeiro. 1977/1978.

SIMÕES, M. R. **Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense**. Mesquita: Entorno, 2011.